

Teologia do Matrimônio e da Família, do Vaticano II aos nossos dias

Recebido: 19/02/2016. Aprovado: 26/02/2016.

*João Bosco Lugnani**

*Aparecida Eunides Lugnani**

Resumo: O artigo se propõe a analisar a teologia do matrimônio e da família, desde as suas raízes bíblicas até os ensinamentos magisteriais nos documentos da Igreja. O casal que escreve o artigo, reconhece que o conhecimento dessa teologia é importante para o enfrentamento dos desafios conjugais e familiares. Mas considera que a maior dificuldade é colocar em prática, na vida pessoal, conjugal e familiar, ao menos as bases principais dessa teologia. Após destacar quatro pontos da teologia bíblica do matrimônio (a origem do matrimônio, na criação, em Gênesis; a celebração festiva do encontro com Deus, nas nupcias do Cordeiro, no Apocalipse; o embate do matrimônio com o pecado e o resgate de sua beleza original por Jesus Cristo; as descrições que embasam o sinal sacramental e a graça do matrimônio, em Jesus e em Paulo), os autores ressaltam aspectos importantes da catequese do papa João Paulo II, de corte bíblico-antropológico, centrada na teologia do corpo, do amor e do sacramento. Retomam textos da *Gaudium et Spes* e da *Humanae Vitae*, que consideram significativos para a atualização da doutrina conciliar em nossos tempos.

Palavras-chave: Matrimônio e Família; Matrimônio no Vaticano II; Catequeses de João Paulo II.

Abstract: The paper intends to analyze the theology of Marriage and Family, from its biblical roots until the magisterial teachings in the documents of the Church. The couple who write, they recognize that the knowledge of this theology is important in order to cope with the conjugal and familiar challenges. But they consider the biggest difficulty is to put into practice, in the personal, conjugal and familiar life, at least the principal bases of this theology. After emphasizing four points of the biblical theology of Marriage (its origin in the creation, in Genesis; the joyous celebration of the final encounter with God, in the wedding of the Lamb, in Apocalypse; the clash of marriage and sin, and the ransom of its original beauty by Jesus Christ; the descriptions that fundament the sacramental sign and the grace of marriage, in Jesus and in Paul), the authors detach important aspects of John Paul II's catechesis, with biblical-anthropological purport, centered in the theology of body, love and sacrament. They retake quotations from *Gaudium et Spes* and from *Humanae Vitae*, which they consider meaningful for the actualization of the Council's doctrine in our times.

Key-words: Marriage and Family; Marriage in the Vatican II; John Paul II's Catecheses.

* Membros da Equipe Assessora do Núcleo Nacional de Formação do INAPAF (Instituto Nacional da Família e da Pastoral Familiar), ligado à CNPF (Comissão Nacional de Pastoral Familiar) da CNBB. João Bosco é Doutor em Ciências Geodésicas (Fotogrametria) (New Brunswick, Canadá) e professor aposentado da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR. Aparecida Eunides é Mestre e Educação (New Brunswick, Canadá) e professora aposentada da Universidade Tecnológica do Paraná, Curitiba, PR.



A teologia do matrimônio e da família tem suas raízes plantadas na Bíblia, interpretada à luz do Espírito, e nos documentos e ensinamentos da Igreja. O conhecimento desta teologia é importante para a os relacionamentos conjugais e familiares e para a relação com Deus. Este é um desafio, mas não o maior. O maior desafio da teologia do matrimônio e da família é colocar em prática, na vida pessoal, conjugal e familiar, as bases deste aprendizado. Vamos, então, de modo breve, ver as linhas principais desta teologia e fazer algumas ligeiras conexões com sua aplicação.

Num olhar simplificado, mas pedagógico, diríamos que a teologia fundamental do matrimônio poderia ser destacada em quatro aspectos, sintetizados como:

- a origem, definida no princípio (da Bíblia e da criação), em Gênesis (Gn 1,27; 2,18-24), que relata a criação do homem (homem e mulher) e do matrimônio; primeiro, na ausência do pecado e, na sequência, após a queda do pecado original, e já apontando ligeiramente para a redenção;
- no outro extremo, a celebração festiva do encontro com Deus, nas núpcias do Cordeiro, no Apocalipse (Ap 19,7-8; 21,1-4). Estes dois textos do Apocalipse e os dois acima referidos, do Gênesis, fazem uma espécie de grande ponte sobre toda a história do matrimônio na caminhada do povo de Deus, narrada na Palavra;
- o embate do matrimônio com o pecado, que permeia a Bíblia, tem em Mateus e Marcos (Mt 19,1-9; Mc 10,1-12) referencial especial para o resgate da beleza original, por Jesus Cristo que, quando interpelado pelos fariseus, tanto resgata o plano original do Criador para o matrimônio, como aponta para a redenção;
- as descrições que embasam o sinal sacramental e a graça do matrimônio, que são focadas parcialmente em diversos pontos, mas que têm por bases principais Lucas (Lc 5,27-35), Mateus (Mt 9,14-15) e Efésios (Ef 5,21-29), com reflexões e explicações na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* e outros, e que não apenas inserem o matrimônio como sacramento, mas trazem uma mudança de perspectiva na teologia sacramental, precisando o vínculo orgânico entre o sacramento do matrimônio e a sacramentalidade da Igreja.



Falar em teologia do matrimônio, hoje, implica envolver o Papa João Paulo II, a quem chamamos carinhosamente o “Santo da Família”, pois dedicou grande atenção ao matrimônio e à família, ao longo de todo o seu pontificado. Ele fez profunda reflexão sobre o amor humano e o matrimônio e as revelações do projeto de Deus, passando pelos textos fundamentais, referidos acima. Publicou suas 129 catequeses que, segundo ele, tinham por objeto “O amor humano no plano divino – a redenção do corpo e a sacramentalidade do matrimônio”.

Para perceber a importância desse papa para o tema em pauta, considere-se o volume de seus ensinamentos. O Instituto de Ciências da Família da Universidade de Navarra e o Instituto João Paulo II publicaram, em seis volumes, todos os documentos do Magistério sobre matrimônio e família, desde o Papa Clemente I (90-101). As publicações de São João Paulo II (1978-2005), sozinhas, superam todas as precedentes publicações sobre o tema. Isto reflete a grande preocupação da Igreja de nosso tempo com a família.

Esta preocupação da Igreja com o matrimônio e a família foi explicitada ultimamente, com maior intensidade, nos sínodos sobre a família, em 2014 e em 2015.

Sem preocupação cronológica, mas guiando-nos pela importância que o tema tem na comunicação do ensino teológico e pastoral, vamos refletir sobre algumas passagens bíblicas e documentos da Igreja que estabelecem as diretrizes e fundamentam a teologia do matrimônio e dão rumo ao povo de Deus sobre a vida, a pessoa, o matrimônio e a família.

Consideramos o texto de Mateus 19 (ou Marcos 10) por primeiro, por sua origem. Mateus descreve o diálogo do próprio Jesus com os fariseus e interrelaciona os textos bíblicos que fundamentam a teologia do matrimônio.

Os fariseus vieram perguntar-lhe para pô-lo à prova: “É permitido a um homem rejeitar a sua mulher por um motivo qualquer?” Respondeu-lhes Jesus: “Não lestes que o Criador, no começo, fez o homem e a mulher e disse: Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá a sua mulher, e os dois formarão uma só carne? Assim, já não são dois, mas uma só carne. Portanto, não separe o homem o que Deus uniu”. Disseram-lhe eles: “Por que, então, Moisés ordenou dar um documento de divórcio à mulher, ao rejeitá-la?” Jesus respondeu-lhes: “É por causa da dureza de vosso coração que Moisés havia tolerado o repúdio das mulheres;



mas no começo não foi assim. Ora, eu vos declaro que todo aquele que rejeitar a sua mulher, exceto no caso de matrimônio, e desposa uma outra, comete adultério. E aquele que desposa uma mulher rejeitada, comete também adultério.

Jesus não aceitou a discussão proposta rumo ao legalismo. Ele resgatou o projeto de Deus, na criação, contido no livro do Gênesis. Com este resgate, fica clara e é reafirmada a dignidade humana dada pelo Criador, a união conjugal indissolúvel e a unidade do matrimônio. Ao citar os textos de Gênesis 1,27 e 2,24, Jesus junta eles seu próprio ensinamento: “não separe o homem o que Deus uniu”. Assim, não só atualiza os ensinamentos, mas dá-lhes força de norma. Sendo ele, Jesus, o enviado do Pai para restabelecer a comunhão do homem com Deus, o matrimônio cristão tem nele a sua força e sustentação. Por este resgate e pelas comparações que Jesus faz de si como noivo-esposo da Igreja e da Igreja como sua noiva-esposa, o matrimônio é inserido na sacramentalidade da Igreja. Este sacramento só é formalizado pela Igreja mais de um milênio depois, e recebe, a partir do Vaticano II, dos ensinamentos do Papa João Paulo II e das reflexões mais recentes, nova força orgânica. Numa como que nova arquitetura sacramental que renova a relação entre os sete sacramentos da Igreja, os sacramentos adquirem uma dimensão missionária, já que são integrantes da Igreja orgânica. Integram a Igreja, sinal visível, aos olhos das nações.

A vida do cristão tem a marca do amor esponsal entre Cristo e a Igreja. O batismo, porta de entrada para a Igreja, é mistério nupcial ou banho nupcial; a eucaristia é banquete nupcial, comunhão com Deus; e o matrimônio é sinal eficaz da aliança de Cristo com a Igreja.

Não é difícil nos inserirmos, hoje, no contexto do diálogo de Jesus com os fariseus, descrito em Mateus 19, para bebermos das lições do Mestre. No contexto deste diálogo e olhando para nossa realidade atual, vemos que o aprendizado prático continua sendo um grande desafio. Identificamos a fonte de muitos males que ferem o matrimônio, a família e a vida, em nosso tempo e em nossa casa. Constatamos que, desde o tempo deste diálogo, não progredimos muito em nossos relacionamentos conjugais e familiares. O mal do “coração duro” persiste, mas o plano do Criador para o matrimônio é aquele do “princípio”, de uma plena doação esponsal, mútua e indestrutível, e de estreita comunhão esponsal e com Deus.



Sem entrar em pormenores (quem quiser maior aprofundamento pode recorrer às catequese do Papa João Paulo II: “Catequese sobre o amor humano, ou Teologia do corpo”), consideremos a indissolubilidade do matrimônio, que primeiro é identificada naquele diálogo entre Jesus e os fariseus. Ela era uma carga quase insuportável para os fariseus. Mas para os discípulos de Jesus, este ensinamento foi também espantoso! E hoje, como vemos a indissolubilidade? Jesus parece não ter se assustado com a reação de seus discípulos! Também não deve se assustar com seu povo hoje. Estamos sempre às voltas com as normas sobre o matrimônio. Os debates nos concílios recentes mostram as dificuldades.

Nota-se que o conhecimento racional é muito mais simples que o aprendizado comportamental. Tecnicamente, já o é na metodologia educacional do ensino sistemático. A formação comportamental é pouco tratada. É quase ignorada. O conhecer-se, o possuir-se e o doar-se por inteiro, pressupostos para a satisfação da norma da indissolubilidade do matrimônio, são, ainda hoje, um grande desafio. Sob o enfoque catequético o desapontamento é maior, porque o peso da cultura é no sentido contrário à gratuidade da entrega sponsal. Também o recurso motivador da dignidade humana indestrutível, própria do princípio, está em desuso na nossa cultura. Os recursos e remédios para estes males nos são dados por Deus e estão sempre disponíveis, mas são pouco conhecidos, pouco usados! A graça de Deus parece teórica e parece ficar muito distante de nosso cotidiano.

A unidade da união conjugal, presente no projeto do Criador, resgatada no encontro entre Jesus e os fariseus, também requer o dom sponsal pleno. Dom que deve se renovar continuamente na vida matrimonial. O que fazer? Entender o que foi ensinado, entendemos. Não é difícil! A conversão vai muito além do entendimento e da competência da razão. Esta teologia aplicada, a ser aprendida no exercício da vivência, carece de atenção maior e específica. O matrimônio, sacramento da aliança de Cristo com a Igreja, comunica a graça, sem a qual a união conjugal é frágil.

Quando, em Mateus, Jesus remete para o princípio, em Gênesis 1,27-28, ali já encontramos um grande recurso e resposta, para o problema: a comunhão com Deus e a indestrutível dignidade humana de origem. Mas estes recursos vão sendo esquecidos e distorcidos. Portanto, é desafio permanente resgatar a comunhão com Deus e a dignidade original da pessoa na vivência diária, primeiro entre os que pertencem à Igreja. Isto



é requisito para os batizados. É requisito para nossa vocação. Estamos inseridos numa cultura concupiscente e corrupta. Sem a comunhão com Deus, somos frágeis, perdemos as batalhas! Os relacionamentos perdem a qualidade, o matrimônio e a família vão mal, a evangelização é deficiente, porque depende, em grande medida, do testemunho de vida e do poder daí decorrente.

O sinal sacramental do matrimônio e a graça que assiste ao casal são tratados, de modo atrativo e belo, por São Paulo na Carta aos Efésios (Ef 5,21-28). E o Papa João Paulo II faz exuberante ensino e aprofundamento do tema, no Quinto Ciclo de sua “Catequese sobre o amor humano”. A teologia do sinal sacramental é pouco compreendida pelos que iniciam ou mesmo pelos que estão vivendo o matrimônio. O tema parece muito distante da realidade. E a forma como é abordado em nossas pastorais parece, muitas vezes, sem vida! A grandeza e a beleza do chamado e a dignidade da missão ficam quase imperceptíveis! O recurso da graça é quase que esquecido! Como viver o matrimônio, no mar das concupiscências, sem os recursos dados por Deus?

Ao aprender teologia e relacionamentos em proximidade com Deus, as forças motivadoras que conectam vida temporal e vida eterna se revigoram. Revigora-se também a capacidade de resgate de ovelhas feridas, e crescem as oportunidades de vida e esperança para pessoas e matrimônios ameaçados. O aprendizado da teologia do matrimônio e da família caminha com uma pedagogia que alia fé e razão experimentadas concomitantemente. A razão busca aprofundar o entendimento daquilo que a fé, movida pela vontade livre (força de uma afetividade motivada) já experimentou e continua experimentando e vivendo. Trata-se de uma teologia aprendida, em boa medida, na vida e experiência de fé. A própria razão estará, em tempo real, avaliando e realimentando o trabalho pastoral e o crescimento pessoal, conjugal e familiar, e o aprendizado teológico.

Estes enfoques sobre a teologia prática do matrimônio e da família são atrativos e gratificantes, mas são profundos e extensos para serem abordados neste breve trabalho. Os interessados podem aprofundar o aprendizado comportamental, com considerações teóricas, nos cursos de formação de agentes de Pastoral Familiar do INAPAF (Instituto Nacional da Família e da Pastoral Familiar), órgão vinculado à CNBB. E a parte teológica, nos documentos citados.



Entre os documentos da Igreja, a Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* (A Missão da Família Cristã no Mundo de Hoje), do Papa João Paulo II, publicada logo após o Sínodo de 1980, que tinha como tema as tarefas da família cristã no mundo contemporâneo, é o primeiro documento a ser lembrado, quer pela abrangência e profundidade de conteúdos, quer também pela clareza pedagógica e vasta veiculação que passou a ter.

Como dito acima, o Papa João Paulo II, entre 1979 e 1984, proferiu uma série de catequeses sobre o amor humano. Com estas catequeses, ele realiza um trabalho ímpar de aprofundamento e atualização para o nosso tempo, daquele colóquio entre Jesus e os fariseus. Seus ensinamentos atraem o interesse e atenção de estudiosos de teologia, antropologia, filosofia, e também daqueles que querem trabalhar em profundidade os relacionamentos humanos atuais. Estes ensinamentos se aproximam pedagogicamente dos fiéis, ao abordar a teologia da pessoa e do matrimônio em conjunto com a experiência de vida e de fé.

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, após apontar a estreita correlação que existe entre o bem estar da família e a salvação da pessoa e da sociedade, expressa preocupação pelas deformações que a família vem sofrendo. E o concílio quer elucidar alguns pontos da doutrina da Igreja e encorajar os cristãos e todos que querem salvaguardar e promover a dignidade original e o singular valor sagrado do estado matrimonial (GS 47).

O matrimônio é projeto do Criador e é celebrado pelo mútuo consentimento pessoal de cada cônjuge e é para o bem de ambos e da família.

A íntima comunidade da vida e do amor conjugal, fundada pelo Criador e dotada de leis próprias, é instituída por meio da aliança matrimonial, ou seja, pelo irrevogável consentimento pessoal. Deste modo, por meio do ato humano com o qual os cônjuges mutuamente se dão e recebem um ao outro, nasce uma instituição também diante da sociedade, confirmada pela lei divina. Em vista do bem tanto dos esposos e da prole como da sociedade, este sagrado vínculo não está ao arbítrio da vontade humana. O próprio Deus é o autor do matrimônio, o qual possui diversos bens e fins, todos eles da máxima importância, quer para a propagação do gênero humano, quer para o proveito pessoal e sorte eterna de cada um dos membros da família, quer mesmo, finalmente, para a dignidade, estabilidade, paz e prosperidade de toda a família humana. Por sua própria índole, a instituição matrimonial e o amor conjugal estão or-



denados para a procriação e educação da prole, que constituem como que a sua coroa (GS 48).

Cristo abençoou o matrimônio e caminha com os cônjuges que são, assim, sinal de seu amor pela Igreja, vivendo dignamente.

Cristo Senhor abençoou copiosamente este amor de múltiplos aspectos, nascido da fonte divina da caridade e constituído à imagem da sua própria união com a Igreja. E assim como outrora Deus veio ao encontro do seu povo com uma aliança de amor e fidelidade, assim agora o Salvador dos homens e esposo da Igreja vem ao encontro dos esposos cristãos com o sacramento do matrimônio. E permanece com eles, para que, assim como ele amou a Igreja e se entregou por ela, de igual modo os cônjuges, dando-se um ao outro, se amem com perpétua fidelidade. O autêntico amor conjugal é assumido no amor divino, e dirigido e enriquecido pela força redentora de Cristo e pela ação salvadora da Igreja, para que, assim, os esposos caminhem eficazmente para Deus e sejam ajudados e fortalecidos na sua missão sublime de pai e mãe. Por este motivo, os esposos cristãos são fortalecidos e como que consagrados em ordem aos deveres do seu estado por meio de um sacramento especial; cumprindo, graças à força deste, a própria missão conjugal e familiar, penetrados do espírito de Cristo que impregna toda a sua vida de fé, esperança e caridade, avançam sempre mais na própria perfeição e mútua santificação e cooperam assim juntos para a glorificação de Deus (GS 48).

Ainda no Vaticano II o Decreto *Apostolicam Actuositatem* destaca o matrimônio, como constituído pelo Criador, como princípio e fundamento da sociedade e grande sacramento. E os esposos, um para o outro e para os filhos, são cooperadores da graça e testemunhas da fé (AA 11).

Na Carta Encíclica *Humanae Vitae*, publicada em 1968, portanto, pouco após o Vaticano II, o Beato Paulo VI proclama, de modo admirável, a beleza do matrimônio cristão, seu sentido e missão e o amparo de Deus para vivê-lo.

O amor conjugal exprime a sua verdadeira natureza e nobreza, quando se considera na sua fonte suprema, Deus que é Amor, 'o Pai, do qual toda a paternidade nos céus e na terra toma o nome'. O matrimônio não é, portanto, fruto do acaso, ou produto de forças naturais inconscientes: é uma instituição sábia do Criador, para realizar na humanidade o seu desígnio de amor. Mediante a doação pessoal recíproca, que lhes é própria e exclusiva, os esposos tendem para a comunhão dos seus seres, em vista de um aperfeiçoamento mútuo pessoal, para colaborarem com



Deus na geração e educação de novas vidas. Depois, para os batizados, o matrimônio reveste a dignidade de sinal sacramental da graça, enquanto representa a união de Cristo com a Igreja (HV 8).

Os esposos cristãos, portanto, dóceis à sua voz, lembrem-se de que a sua vocação cristã, iniciada com o batismo, se especificou ulteriormente e se reforçou com o sacramento do matrimônio. Por ele os cônjuges são fortalecidos e como que consagrados para o cumprimento fiel dos próprios deveres e para a atuação da própria vocação para a perfeição e para o testemunho cristão próprio deles, que têm de dar frente ao mundo. Foi a eles que o Senhor confiou a missão de tornarem visível aos homens a santidade e a suavidade da lei que une o amor mútuo dos esposos com a sua cooperação com o amor de Deus, autor da vida humana (HV 25).

Os esposos, pois, envidem os esforços necessários, apoiados na fé e na esperança que 'não desilude, porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações, pelo Espírito que nos foi dado'; implorem com oração perseverante o auxílio divino; abeirem-se, sobretudo pela santíssima eucaristia, da fonte de graça e da caridade. E se, porventura, o pecado vier a vencê-los, não desanimem, mas recorram com perseverança humilde à misericórdia divina, que é outorgada no sacramento da penitência. Assim, poderão realizar a plenitude da vida conjugal, descrita pelo Apóstolo: 'Maridos, amai as vossas mulheres tal como Cristo amou a Igreja. [...] Os maridos devem amar as suas mulheres como a seus próprios corpos. Aquele que ama a sua mulher, ama-se a si mesmo. Porque ninguém aborreceu jamais a própria carne, mas nutre-a e cuida dela, como também Cristo o faz com a sua Igreja [...]. Este mistério é grande, mas eu digo isto quanto a Cristo e à Igreja. Mas, por aquilo que vos diz respeito, cada um de vós ame a sua mulher como a si mesmo; a mulher, por sua vez, reverencie o seu marido' (HV 25).

Com os Sínodos da Família, de 2014 e de 2015, acompanhamos uma profusão de reflexões teológicas sobre os ensinamentos da Igreja para o matrimônio e para a família, cujo fundamento é a união esponsal (sacramento do matrimônio, como celebração e vivência), e também rumos a serem seguidos para uma ajuda eficaz à família.

As dificuldades sentidas nas discussões de especialistas empenhados na árdua tarefa de normatizar e orientar a constituição da família e o processo pastoral de orientação e ajuda às famílias já constituídas, oportunizam a reflexão da firmeza e imutabilidade da Lei de Deus, proclamada por Jesus (Mt 5,17-18). Ao mesmo tempo, a ineficácia da Lei, como ensina São Paulo, exigiu ser levada à perfeição (Hb 7,19) e exigiu o supremo sacrifício de Jesus. Neste resgate de Cristo, também o sacra-



mento do matrimônio adquire vigor e esperança. Nesta doação suprema do Senhor se espelha a dignidade e grandeza do sinal sacramental que é missão e enorme dignidade para os cônjuges.

O maior espaço para o desenvolvimento da ajuda à família, proposta pelo Sínodo, está na área pastoral. É a parte prática da teologia do matrimônio. A comunhão com Deus é força motivadora que conecta vida temporal e vida eterna. É caminho ainda para o resgate de ovelhas feridas, e faz crescer as oportunidades de vida e esperança para pessoas e matrimônios ameaçados.

Neste serviço pastoral, a razão busca aprofundar o entendimento daquilo que a fé, movida pela vontade livre (força de uma afetividade motivada) já experimentou e continua experimentando e vivendo. A própria razão estará, em tempo real, avaliando e realimentando, o trabalho pastoral e o crescimento pessoal, conjugal e familiar e o aprendizado teológico, o qual tem raízes plantadas nos fundamentos bíblicos referidos acima.

Concluindo

Não seria viável, num pequeno trabalho eivado de limitações pessoais, tentar esboçar conclusões teológicas além daquelas das autoridades da Igreja e brevemente lembradas acima. Entretanto, algumas ideias, focadas no aprendizado teológico-pastoral, na experiência de fé, nos trazem ensinamentos que podem ser partilhados.

O projeto de Deus para o matrimônio e a família está profundamente entranhado em todo o plano de salvação. Está no resgate de cada pessoa e sua dignidade original; no resgate de seus relacionamentos com escolhas contínuas de estilos de vida e valores; no exercício eficaz de seu apostolado testemunhal. Para os vocacionados ao matrimônio, os desafios são enormes e não serão superados sem a intimidade relacional contínua, com Deus. São desafios de construção de história pessoal, experiência de fé, para evangelizar-se e, pelo testemunho, evangelizar sua família e outras.

Sozinhos, nem esposos, nem religiosos e clero, cumprem sua missão com eficácia. Igreja, matrimônio e família padecem pela carência de testemunhas fiéis, que possam evangelizar com poder. Todos são chamados, mas poucos dão um sim responsável, uma oferta (doação)



agradável a Deus, requisito para experimentar a autoridade de discípulo, quer na pequena igreja doméstica, quer na Igreja.

Um dos grandes desafios atuais para a Igreja é desenvolver uma eficaz ajuda à família. É nesta direção que aponta o Papa João Paulo II, agora falando no sentido pastoral. Suas preocupações com a família, profusamente difundidas, se voltam, a certo momento, especificamente para o Brasil numa mensagem aos Bispos do Paraná (Carta do Papa João Paulo II aos bispos do Paraná, Visita *Ad Limina*, 17 de fevereiro de 1995).

Detive-me com frequência em alguns problemas da sociedade brasileira, pois sei que fica muito a ser feito nesta vossa realidade social tão diversificada. Considerava, por exemplo, [...] no diretamente respeitante à família, a multiplicação dos divórcios, das separações, das situações irregulares, o uso de anticoncepcionais, a proliferação da esterilidade voluntária e do aborto, a delinquência juvenil [...]. Ao evocar assim esses problemas, é natural que brote também essa pergunta: Qual seria a raiz e a causa de todos esses males? Se fôssemos procurar a fundo, encontraríamos esta resposta: as doenças da sociedade são um reflexo das doenças familiares [...]. Desejaria lembrar-vos algo que levo muito dentro do coração: nunca, por mais que nos esforcemos, teríamos feito demais para revitalizar a família e para resgatar os seus genuínos e mais primordiais valores; nunca o nosso trabalho missionário deverá acender-se com as mais ardentes labaredas, como quando nos empenhamos a fundo em realizar aquele lema cunhado na Exortação apostólica Familiaris Consortio: 'Família, torna-te aquilo que és!' (n.17). [...] O futuro da Igreja no Brasil passa, portanto, através da família. Nela temos de ver o centro de convergência da pastoral da Igreja. Não foi sem uma luz especial do Espírito Santo, que a Conferência de Santo Domingo veio a dizer: 'é necessário fazer da Pastoral Familiar uma prioridade básica, sentida, real e atuante' (n. 64). [...] Em cada Diocese – vasta ou pequena, rica ou pobre, dotada ou não de clero – o bispo estará agindo com sabedoria pastoral, estará fazendo 'investimento' altamente compensador; estará construindo, a médio prazo, a sua Igreja particular; à medida que der o máximo apoio a uma Pastoral Familiar efetiva. A Pastoral Familiar – a nível paroquial, diocesano e nacional – deve considerar-se, não apenas uma opção entre outras, mas uma premente necessidade que virá a ser como foco irradiador dos valores cristãos da nova evangelização, no próprio âmago da sociedade onde a família está radicada; é ela que dará estabilidade ao longo do tempo do esforço evangelizador.



Estas e outras exortações da Igreja, bem como os Sínodos de 2014 e de 2015, refletem o reconhecimento do valor da família para nossos povos e para a Igreja e refletem também o clamor pastoral que cresce nas consciências. É preciso levar à vida familiar a sã doutrina sobre matrimônio e família, através de um serviço de ajuda eficaz. Isto é o que o Espírito tem insistentemente falado à Igreja.

Neste sentido o Documento de Aparecida traz orientações e ensinamentos de grande riqueza e com pormenores. Sempre podemos crescer como discípulos, se lembrarmos que somos templos de Deus e que o Espírito habita em nós.

E-mail dos autores:

bosco.eunides@gmail.com